

## AVALIAÇÃO DA INTELIGÊNCIA: CONSENSOS E DISSENSOS DE UMA PRÁTICA CENTENÁRIA

Thadeu Henrique Guerra França (PIBIC/CNPq), Roselania Francisconi Borges (Orientadora). E-mail: ra123011@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

**Área:** Psicologia

**Subárea:** Psicologia do Ensino e da Aprendizagem

**Palavras-chave:** Inteligência; Testes psicométricos; Liga Brasileira de Higiene Mental.

### RESUMO

O uso de testes psicométricos começou a ser largamente difundido no Brasil no início do século XX. A partir da década de 1980 a mensuração ou classificação do desenvolvimento humano passou a ser questionada e debatida, estando hoje seu uso envolto em consensos e dissensos. Este estudo objetiva compreender os pressupostos teóricos que embasam as práticas de aferição da inteligência humana, bem como sua utilização. Esta pesquisa é de cunho bibliográfico e qualitativo desenvolvida a partir de fontes primárias e secundárias, recuperando produções científicas que possam favorecer a reflexão sobre as possíveis motivações para persistência do uso de tais instrumentos na contemporaneidade. Com a evolução dos múltiplos conceitos da inteligência, sua avaliação também necessita de modificações para acompanhar, sendo a psicometria, ímpar e ineficiente para promover a completude avaliativa das inteligências, sendo segregadora e excludente, necessitando da implementação de novos modelos avaliativos aprimorados para que não sejam excluídos os determinantes sócio-históricos presentes na constituição das funções psicológicas, incluindo-se as capacidades cognitivas.

### INTRODUÇÃO

A aferição das capacidades mentais no Brasil, através dos testes psicométricos, é utilizada a mais de um século e sua história é perpassada por críticas desde os últimos anos do século XX. Pela psicometria, a inteligência se concebe pela análise fatorial, esta, “baseia-se nas diferenças individuais reveladas por uma centena de testes criados para avaliar as capacidades cognitivas. O propósito da análise fatorial é identificar subgrupos de testes que avaliam uma mesma capacidade cognitiva” (Primi, 2003, p. 68).

Passando por grandes mudanças ao longo dos anos, a abordagem psicométrica inicialmente não tinha uma compreensão teórica sobre a inteligência, evoluindo para

formulações teóricas mais sofisticadas, visando integrar a psicologia e a neurociência, correlacionando aspectos cognitivos e afetivos (Primi, 2003, p. 68). Esta foi inserida na educação com os princípios da Eugenia, procurando identificar os superiores e inferiores visando “[...] estabelecer critérios de aferição de uma suposta normalidade e de realizar a seleção dos capazes e dos incapazes, tanto para fatores relacionados a padrões de conduta e de comportamento, quanto para fatores relacionados à aprendizagem de conteúdos acadêmicos” (Borges, 2020, p. 339).

A validação de inúmeros testes psicométricos construídos nas primeiras décadas do século XX em países da Europa e América do Norte, que chegaram ao Brasil ainda nesse período, se configurou como ferramenta para “definir um padrão de inteligência a priori, ‘normal’, mediano e comum, que lhe proporcionasse parâmetros para estabelecer, com relativa segurança, quem deveria e quem não deveria ser admitido nas escolas, ou quem deveria ou não permanecer nelas” (Wanderbrook Junior, 2009, p. 123, destaque do autor).

Visando a compreensão dos pressupostos da psicometria e do uso de testes psicométricos para a aferição da inteligência até o momento atual, intentamos utilizar a Psicologia Sócio-Histórica como fundamento teórico. Esta abordagem utiliza o método materialista histórico e dialético, analisando através da realidade concreta e não pelas ideias, incluindo a subjetividade, pois é produzida por sujeitos concretos, socialmente e historicamente constituídos (Bock; Gonçalves; Furtado, 2007).

## MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa foi realizada por investigação bibliográfica de cunho qualitativo a partir de materiais já elaborados, como: livros, periódicos científicos, teses, dissertações e periódicos de indexação e resumos, com consultas em fontes primárias e secundárias advindas de bases de dados digitais, tais como: SciELO (Scientific Electronic Library Online), Catálogo de Teses e Dissertações/CAPEs, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, entre outros.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as análises realizadas podemos observar a evolução dos estudos científicos relacionados à inteligência, que passa de um conceito único, de base hereditária, como considerava Francis Galton (1822-1911), que estudava a inteligência por árvores genealógicas, teoria posteriormente complementada por J. McKen Cattell (1860-1944), incluindo fatores corporais como força muscular, discriminação de peso e sensibilidade a dor, medidas estas, que foram descartadas por demais autores por não serem úteis para a mensuração da inteligência.

Ao longo do século XX, Théodore Simon e Alfred Binet fazem críticas a esta visão centrada em processos sensoriomotores e iniciam uma investigação avaliando a inteligência no desempenho de tarefas diversas, com níveis crescentes de dificuldade, constituindo assim, a primeira prova de mensuração da inteligência.

Baseada no modelo de avaliação psicométrica, a teoria bifatorial de Spearman (1863-1945) é uma das mais citadas, pois contribuiu para a conceituação do fator G, que explica o funcionamento intelectual total. Estes estudos abrem espaço para a criação de demais teorias sobre a inteligência, como de Stern (1871-1938) que elabora o conceito de Quociente de Inteligência (Q.I.), permitindo a quantificação do funcionamento cognitivo pelo desenvolvimento e aprendizagem, também surge a teoria Cattell-Horn-Carroll (CHC), incorporando ao conceito de inteligência nove habilidades, destacando: inteligência fluída, cristalizada, visual, auditiva, recuperação a curto e a longo prazo, velocidade de processamento e decisão, conhecimento quantitativo, leitura e escrita. Próximo aos dias atuais, encontramos os estudos de Piaget, os quais demonstram não existir hereditariedade da inteligência, não sendo um aspecto inato, se desenvolvendo e amadurecendo conforme a interação com o ambiente ao longo da vida, e estudos de Vigotsky, que demonstram que o indivíduo nasce com uma única potencialidade ou aptidão: a aptidão para desenvolver aptidões.

Howard Gardner (1943- ) traz a multiplicidade dos conceitos sobre a inteligência, categorizando a inteligência em nove formas: Lógico-matemática, Linguística, Naturalista, Interpessoal, Intrapessoal, Espacial, Corporal-cinestésica, Musical e Existencialista.

Os testes psicométricos de avaliação da inteligência, podem ser utilizados em várias áreas como, área do trabalho, clínica, jurídica e na educação, visando apoiar as tomadas de decisões em cada uma destas áreas. E, assim, na medida em que novos estudos são realizados, os conhecimentos existentes sobre a inteligência podem ser questionados, e a inteligência juntamente com seus instrumentos de avaliação se tornam objetos de indagações. Estes instrumentos surgem com a psicométrica, que elaborou métodos de medição sem clareza do que se poderia mensurar, e posteriormente o movimento higienista que contribuíram com a psicométrica na seleção dos capazes e incapazes de aprender os conteúdos acadêmicos (Borges, 2020).

No Brasil, o início da aplicação dos testes data da década de 1920. Pouco a pouco, a avaliação psicométrica da inteligência ganha força, sendo a versão da Escala de Inteligência para Crianças (WISC III - 3a edição) o instrumento mais utilizado e a escola o principal campo de aplicação. No momento atual no Brasil vigora a 4a edição desta Escala em uso no espaço escolar. Nos dias atuais, essa avaliação padronizada pela testagem psicométrica, não é agradável aos olhares de muitos profissionais, inclusive de psicólogos/as, visto que é necessário refletir sobre os determinantes sócio-históricos presentes na constituição das funções psicológicas incluindo-se as capacidades cognitivas (Borges, 2020).

Então, após décadas de reflexões, esta forma de avaliação recebeu críticas, substancialmente de Maria Helena Souza Patto (1942- ), sendo considerada segregadora, uma vez que exclui alunos menos capazes do processo educacional, com a contribuição de psicólogos/as que praticam este modelo de avaliação, os silenciam e patologizam, acarretando no aumento do uso de psicotrópicos na idade escolar muitas vezes como ressonâncias dos resultados dos testes psicométricos

utilizados como baliza para avaliar as capacidades/incapacidades humanas no contexto educacional (Patto, 1997).

## CONCLUSÕES

Com o objetivo de destacar as teorias e métodos de avaliação psicométrica da inteligência ao decorrer do tempo, consideramos importante salientar juntamente a isso, autores que consentem e dissentem deste modelo de avaliação, dirigindo a propostas de novos modelos de avaliação que vão além da biologização do indivíduo, agregando como precursores do desenvolvimento da inteligência, o meio social em que a criança em idade escolar se encontra inserida.

Por fim, salientamos ser importante a continuidade de estudos sobre esta temática, que acompanhe a evolução dos conceitos de inteligência, das metodologias e formas de avaliação, para constante aprimoramento, tornando-as não limitantes ou limitadas aos quesitos avaliativos, que se propõem a isolar o sujeito do seu meio social inserto.

## AGRADECIMENTOS

A princípio agradeço à minha orientadora, pela compreensão de todas as dificuldades envolvidas no decorrer deste processo, e por todo ensinamento transmitido. Aos amigos e familiares, pelo incentivo à realização deste estudo e ao CNPq, pela concessão da bolsa de estudo durante a execução deste processo.

## REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BORGES, R. F. As Contribuições da Psicologia aos Ideais da Liga Brasileira de Higiene Mental: Algumas Reflexões. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. 2020;20(1):330-352. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/epp.2020.50837>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PATTO, M. H. S. Para uma Crítica da Razão Psicométrica. **Psicol. USP**. [online]. 1997, vol. 8, n. 1, p. 47-62. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000100004>>. Acesso em: 03 ago. 2023.

PRIMI, R. Inteligência: Avanços nos Modelos Teóricos e nos Instrumentos de Medida. **Avaliação Psicológica**, 2003,1, p. 67-77. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v2n1/v2n1a08.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

WANDERBROOCK JUNIOR, D. **A educação sob medida: os testes psicológicos e o higienismo no Brasil (1914-45)**, Maringá: Eduem, 2009.